



NAS TRINCHEIRAS PORTUGUEZAS: Em descanso

(Cliché da secção fotográfica do exercito inglez)

II SÉRIE—N.º 603

Lisboa, 10 de Setembro de 1917

Ilustração Portuguesa

PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPAÑA

Assinatura Trimestre, 1\$45 ctv. — Semes. Numero avulso, 12 centavos
tre 2\$90 cent. — Ano 5\$80 ctv.

Numero avuiso em todo o Brazil 700 réis.

Edição semanal do jornal

—O SECULO—

Director—J. J. da Silva Graça
Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.ª

Editor—José Joubert Chaves

Redacção, administração e oficinas: Rua do Saeulo, 13—Lisboa

A

Enterocolite muco-membranosa

e as suas complicações, curam-se por completo com a

LACTOSYMBIOSINA

Enviar consulta detalhada ao

LABORATORIO SANTAS - T. do Carmo. 1. 1.º Lisboa

Um Bello Dia de Caça

e uma sacola cheia é a recompensação para quem usar os

Cartuchos de Polvora sem Fumaça "NITRO CLUB" e "ARROW"

Forrados A Prova d'Água com Aço

Feitos nos Calibres 8, 10, 12, 16, 20, 24 e 28.

A vedna por todos os principaes commerciantes em todas as partes.

Enviamos catalogo gratis a quem o solicitar.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Co. Woolworth Bldg., Nova York, E. U. A. do N

Todos os cartuchos "Nitro Club" e "Arrow" são forrados com esta banda de aço interiormente a qual offerece maior resistencia a qual mais se precisa dando grande força penetradora ao disparo.



REMINGTON UMC

AGENTE EM PORTUGAL: G. Hektor Pereira, L. do Camões, 3—Lisboa

Enche-se n'um momento.



Com uma d'estas canetas, escreve-se mais depressa e melhor.

Waterman's Ideal FountainPen

de Alavanca, e Repleção Automatica, para Algiveira

Não dá trabalho para encher, e escreve perfeitamente, até que se esgote a ultima gota de tinta do deposito. Está sempre prompta e boa. Exactamente a pena de que se precisa. Tambem é um regalo util para os amigos militares. Exigir a Caneta "WATERMAN'S IDEAL" — a MELHOR CANETA NO MUNDO.

Fabricam-se tuez typos de Canetas "Waterman's IDEAL." De alavanca e repleção automatic, de segurança e o regular. Podem obter-se nas Papelarias e Ourivesarias.

L. G. SLOAN, Ltd.
LONDRES,
INGLATERRA.

O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiromante e fisionomista da Europa

MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-lota) Lisboa. Consultas a partir das 5 horas da tarde.

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

GRATIS AOS HERNIADOS.

Um Methodo Simples Que Já Tem Curados Centenares De Pessoas Sem Dor Nem Perigo, Sem Impedir o Trabalho e Sem Nenhuma Perca de Tempo.

A TODOS SE OFFERECE UM ENSAIO GRATUITO!

A Hernia é susceptivel de se curar sem operação, dor, perigo ou perca de tempo. Quando dizemos susceptivel dese curar não queremos dar a entender que só se póde unicamente reter a hernia, mas que efectuaremos uma cura que permitirá a V. Sa. abandonar a sua funda para sempre.

Afim de convencer V. Sa. e os seus amigos herniados que a nossa descoberta pode curar efectivamente, pedimos-lhe para que faça uma prova que não custará nada a V. Sa. Uma cura significa o desaparecimento completo de todo o sofrimento, um augmento notavel de vigor fisico e mental, a facilidade de gosar de novo as delicias da vida e muitos anos de bem estar e satisfação, acrescentados á sua vida. Offerecemos a V. Sa. gratuitamente uma amostra de nosso Tratamento que tem curado centenares de casos.

Queira V. Sa. não enviar dinheiro algum, encher simplesmente o coupon abaixo e indicar na gravura a posição da hernia e depois queira devolver-nos o coupon. Não desculde nem um só dia este importante assunto, nem continue V. Sa. a tormentar-se com fundas já feitas, baratas e ordinarias. V. Sa. poderá escrever-me em qualquer lingua como portuguez, hespanhol, francez, alemão ou inglez, o que será perfeitamente comprehendido.

COUPON (S 161).



Queira Indicar n'esta gravura a posição da sua hernia e responder ás perguntas; corte-se depois o coupon e envie-se ao Dr. W.S. Eice, 8 & 9, Stonecutter Str., Londres E. C., Inglaterra.

Que idade tem V. Sa.?

Causa-lhe a hernia dor?

Usa V. Sa. uma funda?

Nome

Endereço

A proposito de Gabriel de Annunzio

Mais uma vez o telegrafo transmite a noticia de que o grande poeta Gabriel d'Annunzio foi ferido na guerra; logo que esteja curado voltará á zona dos combates, onde o chama o seu patriotismo, que não se exteriorisa apenas em estrofes inspiradas.

Não são raros os heroes literatos, não são poucos os poetas e prosadores, os artistas de qualquer genero, que se batem atualmente; em todos os tempos o facto se deu, não se justificando de modo algum o conceito vulgarizado entre os espiritos superficiaes de que os homens de letras são uma especie de lunaticos, incapazes para a luta a não ser por sua dama, e essa mesma luta sómente com a arma da linguagem.

Na Italia, como em França, como em Portugal, os exemplos em contrario multiplicam-se. Nos sectores da linha occidental combatem n'este momento alguns dos nossos escritores, mesmo os humoristas, que a miudo enviam cartas interessantes aos amigos, narrando cenas verdadeiramente épicas, com desprendidas frases cheias da nossa boa graça portugueza.

E assim, hão de ser curiosissimas as obras que finda a guerra, publicarão, com as impressões douradas; pela sua fantasia peninsular. Esperamo-las ansiosamente, como inicio de uma literatura opulenta, nova, vivida, ardente, a contrastar com a morna timidez dos escritos que todos os dias nos chegam á mão, sem uma audacia, sem nervos, produtos fataes de um ambiente doentio, que bem necessitado se encontra da lufada redemptora que as grandes dores desencaideiam, assim como as alegrias maximas.

Efeitos da guerra

Se a Cronica tivesse voz no futuro Congresso da paz, hipotese que julgamos improvavel, digamo-lo desde já para que não nos julguem atacados da mania das grandezas, ela propria que a Inglaterra, por amor dos latinos, transigisse deliberadamente... com o sistema metrico. A aritmetica estuda-se em pequeno, e embora não seja licito esquecer as suas principaes noções, não são de censurar os adultos que não se lembrem de pronto da correspondencia das jardas, das libras-peso, dos galões, etc. Quando dizem de Londres que os inglezes avançaram 800 jardas na Palestina, a sudoeste de Gaza, como querem que um aliado, habituado a contar segundo a decima milionesima parte do quarto do meridiano terrestre, faça idéa do terreno conquistado?

E mais propria, já que estava com a mão na massa, que, sem deixarem de fazer justiça ao engenho de Fahrenheit, nos comunicassem as temperaturas em graus centigrados, para que ignorantemente não aumentassem pela imaginação as torturas das trincheiras, attribuindo calores e frios inverosimeis ao ar que as cerca.

Esperamos, porém, que alguém advogue a idéa da Cronica, já arrependida das palavras que precedem, por se ter metido onde não era chamada.

«Defesa da imprensa»

Confessamos que nos tem ferido desagradavelmente a atenção este titulo encimando locais em periodicos

da capital, convidando comissões a reunir e dando conta de resoluções por e'as tomadas. Comissões de *defesa da imprensa*, se denominam, e sinceramente estranhamos a denominação, que a principio attribuímos a irrefletida reportagem mas que, pela insistencia, depois reconhecemos que traduz realmente um facto com as palavras proprias.

Pois a imprensa necessita de defesa? pois a imprensa é atacada? Estas suposições lançam naturalmente a confusão no nosso espirito, que imaginava a imprensa, no sentido nobre da palavra—que outro não pode ter—absolutamente inatacavel. E sobe de ponto o nosso assombro quando, ao que depreendemos, viemos a saber que ela trata de se defender não de particulares, desvaierados pelas paixões ou desculpaveis pela ignorancia, mas dos proprios poderes publicos, que n'ela tem o seu primeiro auxiliar, que vivem com ela, que sem ela seriam organismos immobilisados, como especies zoologicas inferiores, de diferenciação minima.

Ou tão esquecida a imprensa estará dos seus deveres que se incompatibilisou com os mesmos poderes, prejudicando-lhes o desenvolvimento necessario e natural, obrigando-os ao ataque como a ser d'inho?

Baseia-se a autoridade legal, como se baseia a imprensa, na opinião sensata que se obtem pela média dos elementos nas sociedades civilisadas. Ora, como é a essa opinião que autoridade e imprensa tem de dar satisfação, claro está que se a imprensa a não satisfizesse, ela seria a primeira a condena-la, seria até a unica entidade com direito a intervir. Sabe-se que tal não acontece, que não intervem, de onde é logico concluir que a imprensa cumpre, em geral, o que d'ela exige a sociedade.

E' triste—e sinfomatico—que a imprensa, n'estas circumstancias, tenha de defender-se.

Mutação

... Na verdade dizemos ao leitor que, relidas as linhas anteriores, reconhecemos lealmente que se resentem de haver sido traçadas com 29 graus, á sombra, o que nos obriga a fuga immediata para onde a frescura das praias atenua a moleza das nossas facultades. Desde hoje até o fim de setembro corrente cento e cinquenta quilometros nos separarão do tristonho gabinete onde penamos durante onze mezes em cada ano; n'estes trinta dias não saberemos de grèves, não discutiremos com o mercieiro o preço do açucar, não comeremos pão negro, não ouviremos boatos, não seremos civilisados—e engordaremos estupidamente, abençoando as boas almas d'esses camponios

inteligentes que teimam com sabedoria no isolamento, para que o progresso os não perverta. Onde está localisado tal paraizo, eis o que não revelaremos, para que o não suspeite a serpente tentadora da civilisação.

ACACIO DE PAIVA.

(Ilustrações de Hipolito Colomb).





Na legação da America. Receição oferecida aos brasileiros pelo almirante Caperton por ocasião do aniversario da Independencia da America.

Por ocasião da visita da esquadra norte-americana ao Rio de Janeiro, foi oferecida, pelo ministro do Exterior, em homenagem á sua officialidade, uma recepção no palacio Itamaraty a que assistiu tambem o embaixador americano.

Em retribuição da gentileza do governo brasileiro efetuou-se, a convite do almirante Caperton, uma recepção na embaixada da America do Norte, para a qual foram convidadas individualidades da melhor sociedade brasileira e da colonia americana.



No palacio Itamaraty. Receição oferecida á embaixada e colonia americana pelo sr. Ministro do Exterior.

«Clêchés» R. Parrondo).

Os que morrem pela patria



1. Adelino Diniz de Figueiredo, 2.º sargento d'infantaria 35. — 2. Zulmira da Silva Raimundo, 2.º sargento d'infantaria 6, morto no combate de 23 de julho ultimo. — 3. Eduardo Pereira Vizeu, 2.º sargento d'infantaria 35. — 4. José dos Santos Pimenta, 2.º sargento d'infantaria 28, que succumbiu aos ferimentos recebidos em combate.

É uma pagina de honra esta, uma pagina comovidamente consagrada aos que fizeram o estoico e grandioso sacrificio da sua vida á santa defeza da patria e da liberdade humana. Curvemo-nos respeitosos perante os retratos d'estes heroes, a que a sua obscuridade ainda mais deve elevar os nossos olhos os seus atos de coragem e de valentia, abençoemos a sua memoria e cuvemo-nos tambem agradecidos perante eles, pois, infelizmente, a paz e a felicidade do futuro tem de ser conquistadas á mão armada e enraizadas em alicerces, argamassados de sangue e de lagrimas.

Era fatal; tambem tinhamos de derramar o nosso, visto tratar-se de uma grande causa comum. E quantos terão de derramar ainda o seu, enredados nas malhas d'esta teia medonha de interesses, de rivalidades, de ambições, por mais que façam para fugir-lhe! Porque a peor hipotese é a de se fazer uma paz amanhã para a guerra reacender-se depois, mais feroz, mais estupenda por se ver talvez surgirem como inimigos encarniçados aqueles que ainda na vespera combatiam ao lado um do outro pelo mesmo ideal.

Entrámos na luta quasi tres anos depois de travada; entrámos, quanto a muitos, em simples e fria obediencia ás clausulas precisas dos nossos tratados de aliança secular com a Inglaterra. Não nos esquecia o nobre ideal humano por que os outros se faziam e fazem matar aos milhares;

não alcançavamos bem o interesse vital de ir combater tão longe sobre a terra alheia, embora amiga, o inimigo que, se a transpuzesse um dia, escravizar-nos-hia com a mais humilhante das opressões. Mas vejam eles como se enganaram, como o nosso soldado se compenetrou logo do verdadeiro alcance da nossa entrada na guerra, o ardor e a fé com que ele combate, a temeridade com que se expõe, o grito de incitamento que ele ainda lança aos camaradas para que prosigam a luta sem tréguas, quando baqueia, crivado dos estilhaços mortiferos das granadas alemãs!

Curvemo-nos respeitosos e agradecidos deante dos que tão bem sabem morrer pela patria.



7. Antonio Batista d'Araujo, natural de S. Julião, concelho de Valença
8. Joaquim Chaves, soldado da companhia de saúde, natural de Aviz.
9. José Faria Trindade, morto n'um dos últimos combates.



Salvador, José, Manoel e Augusto Costa, filhos do capitão-picador da guarda republicana sr. Salvador da Costa, que se encontram lutando contra os alemães; os tres primeiros em França, fazendo parte do comboio automovel e o ultimo em Moçambique.



1. Antonio do Amaral segundo cabo de infantaria 35, prisioneiro dos alemães.—2. José Francisco Godinho, segundo sargento de infantaria.—3. Armando Pires Neves, segundo sargento do C. A.—4. Manuel Matias Junior, primeiro sargento de infantaria.—5. Henrique de Matos Salgueiro, segundo sargento de artilharia.—6. Carlos Valente da Silva, segundo sargento de infantaria.—7. Manuel Pereira de Matos, segundo sargento de artilharia.—8. Ismael Tavares, segundo sargento de infantaria.—9. José de Souza Lamy Varela, segundo sargento de infantaria.—10. Alvaro de Andrade, segundo sargento de infantaria.



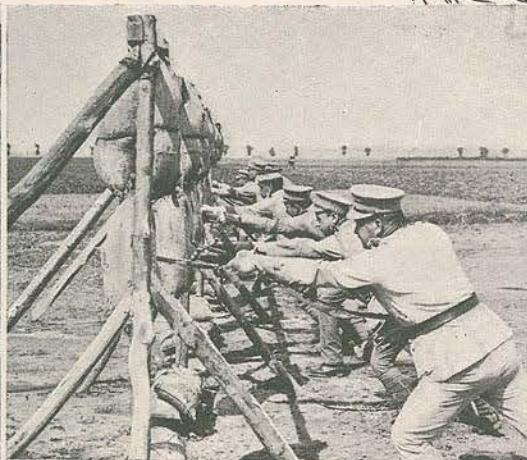
Grupo de sargentos em serviço no Q. G. B.—1. Antonio Riço.—2. Rodrigo de Menezes.—3. Alberto Pinto d'Oliveira.—4. José B. da Costa.—5. José A. da Cunha.—6. Antonio J. G. Guerra.—7. Alfredo Augusto de Lemos.



11. Antonio Augusto Antunes Veiga, segundo sargento de infantaria.—12. Alberto dos Santos Porto, segundo sargento de artilharia.—13. Joaquim Antonio Ramalho, segundo sargento d'uma ambulancia.—14. Vitor Tristão Correia, segundo sargento da administração militar.—15. Belmiro de Oliveira Costa, segundo sargento chauffeur.—16. Arsène Antunes, segundo sargento de infantaria, neto do caudilho da Revolução Franceza, Arsène Haes.—17. Francisco Ferreira da Silva, segundo sargento de infantaria.—18. Horacio de Sequeira Varejão, segundo sargento de infantaria.—19. Manuel Alves de Souza, primeiro sargento-enfermeiro.—20. José Paulo Barradas, segundo sargento de engenharia.—21. Americo Ferreira Proença, segundo sargento de infantaria.—22. José de Campos Tavares, segundo sargento de artilharia.—23. Samuel Rodrigues Albarran, segundo sargento de infantaria.



1. O general Tamagnini, tendo á direita os seus ajudantes, capitão Monteiro e tenente Camões, e á esquerda o tenente de cavalaria do exercito inglez, Jorge Bleck, official ás ordens. — 2. Grupo de officiaes do estado maior d'um batalhão d'infantaria. Da esquerda para a direita, sentados: Srs. Tenente-medico, Ruy de Lemos; capitães Manuel Gonçalves Mendes e Luiz José da Mota (comandante); tenentes Carlos Monteiro de Sousa Leitão e Raul Torres Batista. De pé: Srs. alferes-medico, Carlos Augusto Leão da Silva; alferes da administração militar, Arnaldo Cupertino Bastos; alferes d'infantaria, João Moniz da Ponte Junior e Antonio Balha e Melo; alferes medico, Manuel Rodrigues Simões e alferes de infantaria, José Maria Correia Cardoso e Amancio Velez Corado.



Nas trincheiras portuguesas.—1. Exercícios de metralhadoras.—2. Exercícios de ataque à baloneta

Nas trincheiras portuguesas. — Segundo declaram os proprios ingleses, foram as nossas tropas as que mais facil e rapidamente se adaptaram á vida das trincheiras.

Não obstante a intensiva instrução que os nossos soldados aqui receberam, foi-lhes bem salutar a permanencia e o treino que tiveram nos campos de concentração. Ali familiarisaram-se com os modernos metodos de comba-

te e, uma vez nas primeiras linhas, o seu procedimento mostrou d'uma forma bem nit da o que vale o esforço d'este pequeno povo, tornando-se alvo dos merecidos elogios dos nossos aliados, que já apreciam quanto de benefica tem a ação dos soldados portugueses que, pelas suas cartas aqui recebidas, algumas cheias de humorismo, mostram acharem-se bem dispostos e nada lhes faltar nas trincheiras.



Nas trincheiras portuguesas.—Distribuição do rancho

(«Clichês» da secção fotografica do exercito ingles).



Portuguezes em França. — Saltando trincheiras n'um simulacro d'ataque à baloneta.



Portuguezes em França. — Um carro dos serviços de saúde.

(Clichés da secção fotografica do exercito Inguez).

TRISTE



Sr.ª D. Esmeralda de Santiago

Os leitores da *Ilustração Portuguesa* hão de estar bem lembrados, e de certo com saudade, do nome da sr.ª D. Esmeralda de Santiago e das suas formosíssimas e inspiradas composições poéticas, que durante tanto tempo esmaltaram estas paginas e ás quaes a inexoravel falta de papel não nos tem permitido ultimamente conservar o espaço que lhes era merecidamente consagrado. Tem continuado, porém, a trabalhar com o mesmo ardor e inspiração a talentosa poetisa, oferecendo-nos agora, n'uma linda e bem cuidada edição, como são todas as da acreditada livraria Bertrand, um volume de sonetos, alguns já publicados na *Ilustração Portuguesa*, outros inéditos, reunidos sob o significativo titulo de *Triste*.

Prefacia o encantador livrinho o insigne escritor dr. Julio Dantas, o nosso querido amigo e brilhante cronista, de cuja colaboração os seus trabalhos officiaes nos trazem

atualmente privados. O prefácio é uma elegante e fina apreciação da obra da sr.ª D. Esmeralda, que em breve atingirá a suprema perfeição a que ela tão nobremente aspira pelo seu talento, pelo seu estudo e pelo trabalho. Os seus versos lêem-se com encanto e com ternura. Deixam-nos na alma a impressão da sua que pressue todos os tesouros de bondade, todo o delicioso sentir d'uma alma de mulher.

Passarinhos

*Inspirados poetas que cantais
O sol, a primavera e a natureza
Em sonoros poemas, na devesa,
E nos bosques ou lindos salgueirais!...*

*Quantas vezes, cantando, vós chorais
O desabar dum ninho, e que tristeza
Tremula em vossa voz, que em prantos reza
O fúnebre responso dos que amais!*

*Negro destino o vosso!... — tão amargo,
Que nem podeis sequer n'um vôo bem largo
Deixar p'ra sempre a terra e a humanidade!*

*Impossível passar além da meta!...
Viveis portanlo presos num planeta
Onde é quimera eterna a liberdade!*

Esmeralda de Santiago.

Cronica de Paris

Um grande orador

Efetivamente, os homens não se governam com discursos. Os que pensam o contrario cometem um erro cujas consequências são por vezes bem perniciosas. Ha-os que, quando fazem sobre um problema uma longa dissertação guarnecida de tropos floridos, se afiguram que o problema ficou d'essa feita resolvido. Os povos pagam por vezes muito caro as ilusões d'esses Narcisos da eloquencia que se contemplam nas proprias frases desvanecidos como o outro se contemplava na superficie limpida das aguas.

Os homens não se governam com discursos, mas, não obstante, os discursos são necessarios para governar os homens. Porque ha coisas justas que as multidões ainda hoje não entendem senão quando lh'as sabem dizer com uma bela voz, com um olhar dominador, os gestos magnificos, toda a *mise-en-scène* d'aquilo que desde a idade antiga se não deixou ainda de chamar a eloquencia.

Mr. René Viviani é hoje um dos maiores, se não o maior, dos oradores francezes. A sua palavra não terá talvez uma sonoridade brilhante, mas tem o *charme*, a sedução e, ao mesmo tempo,

a força. Mr. Viviani é o tribuno que os francezes de longa data admiram e que da sua campanha oratoria nos Estados-Unidos ha pouco regressou com um prestigio maior. Pouco vulgar coincidencia: esse homem de discursos parece ser tambem um homem d'ação. Sobre ele caíram as responsabilidades maximas do governo da França no primeiro periodo da guerra, o da grande incerteza, o da maior angustia. E



Mr. Viviani discursando

ele soube suportá-las d'uma forma que a gente d'hoje ainda em parte desconhece, mas que a Historia por certo não deixará de louvar.

Não ha muito, um amigo meu, jornalista de Paris, teve ocasião de acompanhar mr. Viviani n'uma visita ás terras francezas libertadas do jugo alemão. Deante dos soldados que se tinham batido, deante da pobre gente d'essas povoações martirizadas ele falou, e nunca um ora-



dor e o seu publico se compreenderam melhor. Não foram as frases ôcas d'um patriotismo declamatorio que ele lhes disse. O heroismo das frases seria de mau gosto deante d'esses autenticos heroes. E foi o sentimento intimo de todos, as suas aspirações d'uma grandeza simples, a sua grande e inabalavel fé, que o ministro francez traduziu em palavras impressionantes de majestade e de nobreza.

—Eu tinha as lagrimas nos olhos — disse-me o meu amigo.

E da parte d'um velho cronista do parlamento, conhecendo como os seus dedos os *trucs* todos da oratoria, vale um precioso elogio essa confissão.

Paris, agosto.

Paulo Osorio.



1. N'uma passagem energetica do discurso de mr. Viviani

2. Chegada de mr. Viviani (+) a Noyon onde foi pronunciar um discurso. A seu lado o *matre* da cidade e o ministro da guerra.

A GUERRA



Tanks Ingleses aguardando a ordem da partida para o combate

Os «Tanks». — Dizem os alemães nos seus comunicados que os *Tanks*, essa poderosa maquina de guerra ingleza, já não infundem ás suas tropas o terror que infundiam a principio, consignando mesmo a perda de alguns; mas o certo é que nos comunicados dignos de confiança assinala-se como sempre a sua prodigiosa resistencia e poder de destruição.

Envoltos n'uma espessa nuvem de fumo e

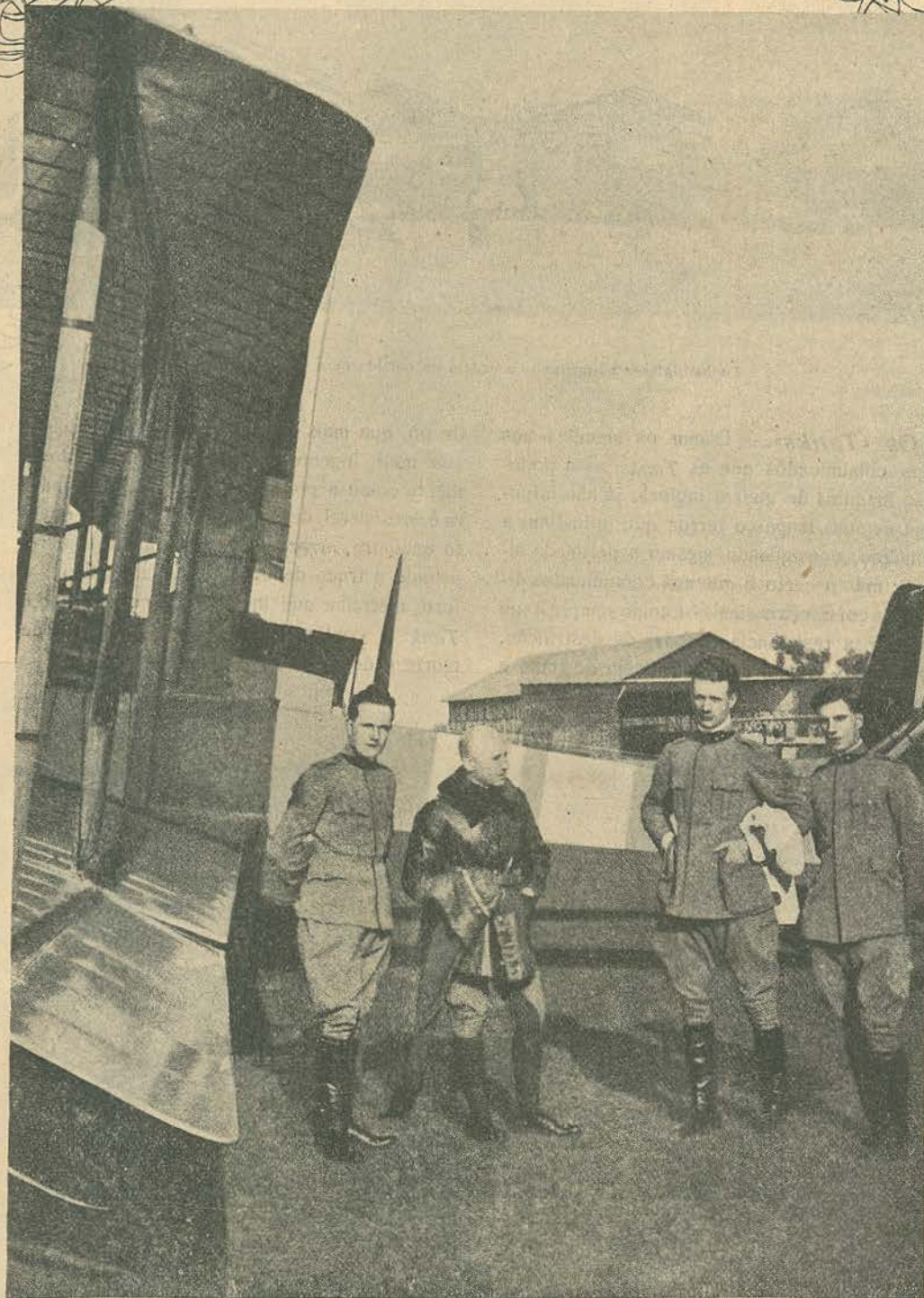
de pó, que mais aterrador assomo imprime á sua mole ingente, rolando solene e ruidosamente como a procela que avança ameaçadora e irresistivel, derrubando e esmagando quanto encontra, arrazando e galgando fossos, repelindo a troco de umas leves amolgadelas a forte metralha que lhe embate na couraça, o *Tank* lá continua impávido a sua obra de morte e de ruina no campo inimigo.



Alguns Tanks e seu pessoal em descanso

(«Clichés» da secção fotografica do exercito Ingles).

Bombardeamento de Pola



O capitão Gabriel d'Annunzio e a restante tripulação do primeiro aeroplano que bombardeou Pola, séde do grande quartel general austriaco.

O "BEIRA"



1. O imediato e o timoneiro do *Beira* na ponte.—2. Officiaes expedicionarios. Da esquerda para a direita, os srs. Almeida Ribeiro (sentado), Marques da Cunha e Abrantes.



Alferes sr. Marques da Cunha, distinto colaborador fotografico da *Ilustração Portuguesa*.

decemos. Até àquella altura a viagem fôra excelente. Os dias e dias passados sobre o mar, que tão longos parecem, foram amenizados pela alegre convivencia que ali se disfruta e pelas gratas

Já os jornaes em nota officiosa disseram que o paquete *Beira* chegara sem novidade a um dos portos proximos do porto do seu destino e certamente a estas horas já chegou a este, desembarcando as tropas que levava. A *Ilustração Portuguesa* tambem teve noticias de um porto da escala. Deu-nol-as um distincto official, que é tambem um apreciado amator fotografico, enviandonos os *clichés* que hoje publicamos e muito agra-



Escrevendo á familia.

recordações dos entes queridos que ficaram aguardando a ciosamente o regresso glorioso d'aqueles que bem longe se vão bater, cheios de fé e ardor, pela integridade da patria, honrando as tradições do exercito portuguez, que pela sua ação tem e'evado o prestigio do nosso paiz.



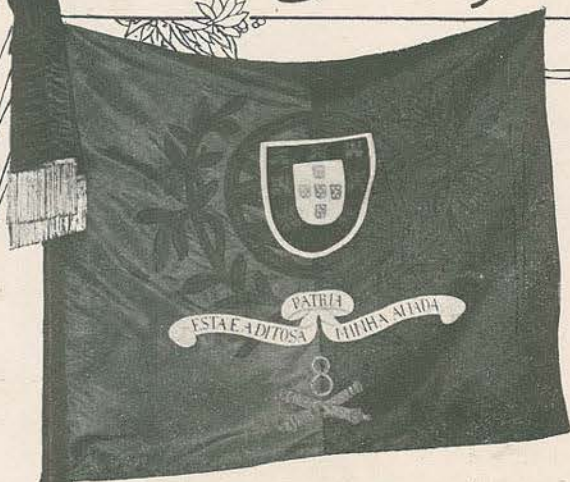
O contra torpedeiro *Douro* que combolou o *Beira*.



6. Grupo de officiaes tirado a bordo do *Beira*.—Da esquerda para a direita, os srs. Dias Costa, Mala Mendes e Almô.—7. Outro grupo de officiaes tirado a bordo do *Beira*.

(«Clichés» do sr. Marques da Cunha).

JURAMENTO DE BANDEIRAS



Estandarte oferecido pelos officaes do regimento de artilharia 8.

mens sob as ordens do capitão sr. João Augusto Chaves Cruz, seu illustre comandante interino que, pelas suas qualidades de official intelligente e disciplinador, conseguiu fazer d'aquella unidade uma das mais disciplinadas de todo o paiz.

Após a formatura, entrou na praça o riquissimo estandarte, bordado a ouro e a matiz, sendo n'essa occasião executado o hino nacional pela banda d'infantaria 51 enquanto o regimento homenageado prestava as devidas honras á sua nova bandeira que era conduzida pelo aspirante a official sr. Luiz Mario Ferreira Caldas de Lemos e se colocou, com a sua escolta, no meio do regimento, sendo então proferida pelo ajudante de artilharia 8, o alferes sr. Luiz Mario Mendonça Pimentel, uma brilhante allocução ácerca do significado patriótico da entrega do estandarte ao regimento.

Em seguida teve lugar o ato da retificação do juramento prestado por 900 recrutas, que decorreu entusiasticamente, e após o qual o regimento desfilou em continencia perante a sua nova bandeira sob as aclamações de milhares de pessoas que assistiram a tão interessante festa, digna de todo o aplauso.

NA laboriosa e importante cidade de Abrantes realisou-se, no dia 12 de Agosto ultimo, com a maior imponencia, a entrega do estandarte oferecido pelos officaes do regimento de artilharia 8 em homenagem á sua unidade.

A cerimonia, que assumiu grande solemnidade, efetuou-se na praça 14 de Maio onde se encontrava reunido todo o regimento na totalidade de 1.200 ho-



Capitão sr. João Augusto Chaves Cruz, comandante interino do regimento d'artilharia 8.



Grupo de oficiais do regimento d'artilharia 8. Da esquerda para a direita, sentados: Srs. tenente-tesoureiro José Ruivo da Silva, capitães Manuel Rodrigues Falcão e João Augusto Chaves Cruz (comandante Interino) e tenente-picador Teófilo Nunes Pereira. De pé: Srs. aspirante Narciso de Melo Acheman, alferes Luiz Pimentel e aspirantes Manuel da Silva Branco, Luiz Caldas de Lemos e Armando R. Lopes da Silva.



Formatura do regimento na praça 14 de Maio, na totalidade de 1.200 homens.

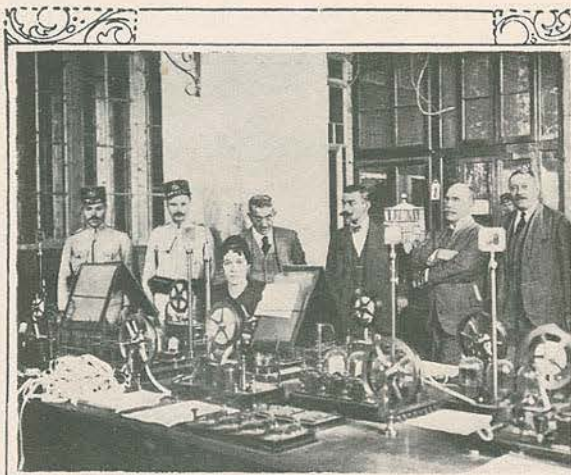
(«Clichés» do distinto amador, capitão sr. Chaves Cruz).

OS ULTIMOS

ACONTECIMENTOS

No sabado, 1 do corrente, declarou-se em grève o pessoal dos correios e telegrafos.

O governo decretou imediatamente a mobilização dos empregados grévistas, sendo o comando dos mesmos assumido pelo tenente-coronel sr. Moura Mendes, que tomou as providencias necessarias para que o serviço seja em breve restabelecido. Oxalá que ele esteja completamente normalisado quando a *Ilustração Portuguesa* fôr publicada.



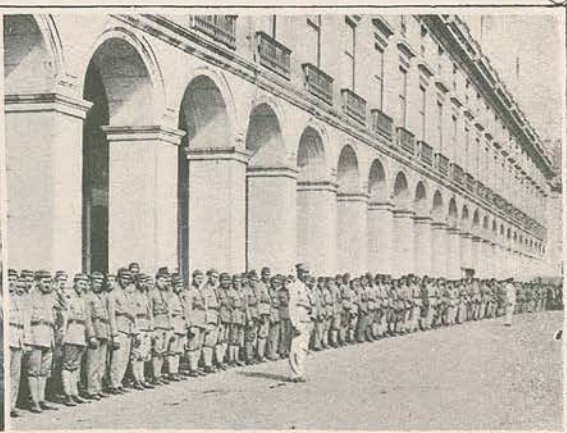
Na Central Telegrafica: Uma telegrafista



Grupo de grévistas sob prisão



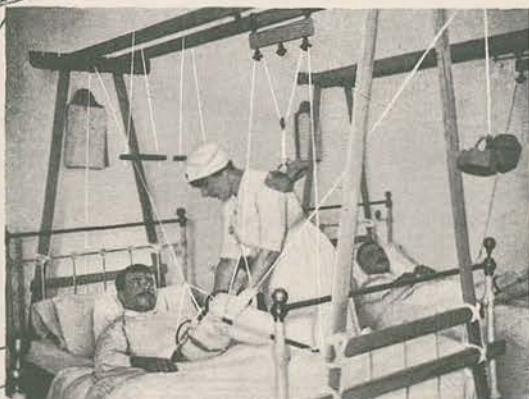
Escoteiros dividindo a correspondencia



Alistados das Sociedades d'Instrução Militar Preparatoria em serviço nas estações centraes postal e telegrafica.

(-Clichés- Benolte).

AS MULHERES PORTUGUEZAS NA GUERRA



Efetando um curativo



Executando um penso

Deve em breve partir para França o primeiro grupo de senhoras portuguesas, algumas pertencentes a famílias das mais distintas da nossa sociedade, que vão prestar serviço no hospital da Cruz Vermelha Portuguesa destinado aos feridos do C. E. P.

Estas senhoras, em numero de 28 e ás quaes o ministro da guerra concedeu a categoria de alferes, estão fazendo o seu es-

tagio no hospital temporario da Junqueira.

E' admiravel a habilidade d'estas benemeritas senhoras, cujos dedos delicados deixaram de comprimir as teclas dos pianos para generosamente manejarem as pinças e executarem pensos. A' sua obra humanitaria vae caber uma boa parte das glorias que colherem as nossas tropas, devendo, pois, todos os portuguezes bemdizer a sua altruista missao.



Grupo de enfermeiras prestes a partir para França

FIGURAS E FACTOS



Despedida do patriarca de Lisboa

(«Clíchê» Beaufel).

O Patriarca de Lisboa. — Partiu no dia 29 do mez passado para a sua casa de Gouveia o sr. D. Antonio Mendes Belo, patriarca de Lisboa, a quem foi decretado pelo governo o desterro da sua diocese durante um ano.

Antes da sua partida acudiu ao patriarcado um grande numero de fieis que foram deixar os seus cumprimentos ao seu prelado e,

á hora da partida, na gare do Rocio tambem se encontrava não menor numero, sendo muito afetuosa a despedida.

Todos os jornaes monarchicos e catholicos fizeram-se representar largamente, assim como todos os priores das freguezias, sendo tambem avultado o numero de amigos pessoas de sua eminencia que ali compareceram.



Castelo Branco. — Grupo de officaes do regimento de obuzes de campanha, alguns d'elles já em França, n'um jantar de despedida. Da esquerda para a direita, os srs. alferes Paiva Simões e Coutinho, tenente Ferin Coutinho, aspirante Bentes e os alferes Vitorino dos Santos, Almendro e Lebre.

Dr. Lambertini Pinto. — O sr. dr. Lambertini Pinto tem mais alguma coisa na sua carreira publica do que os serviços, embora valiosos, prestados no ministerio dos estrangeiros e que lhe valeram agora a justissima promoção a diretor geral dos negocios comercaes e consulares do mesmo ministerio.

Distinguiu-se durante muitos



O sr. dr. Lambertini Pinto

anos na carreira diplomatica, encontrando-se á frente da nossa legação em Italia, quando se proclamou a Republica, tornando-se notavel o esforço inteligente e patriótico que empregou para que as novas instituições fossem acolhidas com simpatia e confiança por aquella nação amiga e hoje combatendo pela mesma causa que nós.



O sr. Francisco de Sampaio Moreira.



O sr. Domingos Monteiro Pereira.

Um benemerito de Mesão Frio. — E' ao sr. Francisco Sampaio Moreira, abastado capitalista em S. Paulo (Brazil), desvelado protector do Hospital de Mesão Frio, que os pobres d'este concelho devem os grandes melhoramentos realizados n'aquelle estabelecimento de assistencia e levados a efeito pelo atual provedor, sr. Domingos Monteiro Pereira, mercê das avultadas quantias que o sr. Moreira tem destinado a esta obra de caridade.

Gouveia Pinto. — Em Coimbra, onde se encontrava com a *tournee* artistica do teatro Nacional, faleceu o camaroteiro do mesmo teatro, sr. Gouveia Pinto, muito conhecido em Lisboa onde contava grande numero de amigos, sendo a sua morte muito sentida.



O sr. Gouveia Pinto.



O sr. dr. Eduardo Martins Costa, juiz do Supremo Tribunal de Justiça, falecido na Foz do Douro.



O capitão sr. Julio da Silva Conde.

Capitão Julio Conde. — Em França, onde comandava uma secção d'artilharia, faleceu vitimado por uma congestão cerebral o capitão sr. Julio da Silva Conde, militar muito distinto e disciplinador. Era um devotado republicano, tendo tomado parte no 14 de maio.



Grupo de amadores que interpretaram a peça «O Comissário de Policia», de Gervasio Lobato, representada no Teatro da Paz, do Pará (Brazil), em beneficio do «Comité» de Socorros aos militares e civis portugueses prisioneiros de guerra.



Festa da flôr em Mirandela



Tambem as gentilissimas senhoras de Mirandela, guiadas pelo mesmo acendrado patriotismo que levou as de outras terras portuguezas a interessar-se pela sorte dos nossos soldados mobilizados, levaram a efeito, por iniciativa da sr.^a D. Lucinda d'Azevedo e Castro, esposa do delegado da comarca e com o valioso auxilio do sr. Armindo Teixeira de Cas-



1. As sr.^{as} D. Emilia e Brizida d'Araujo e Castro, filhas do sr. Armindo Teixeira de Castro, administrador do concelho.
2. Grupo de senhoras vendendo flôres.



Grupo de senhoras que tomaram parte na *Festa da flôr* entre as quaes se vê a presidente da comissão, a sr.^a D. Lucinda Azevedo e Castro, esposa do delegado da comarca. No ultimo plano, o sr. Armindo de Castro (+) administrador do concelho.

tro, administrador do concelho, a festa da flôr e uma recita no teatro 1.º de Maio que decorreram anima-

dissimas e brilhantes, tendo sido muito satisfatorios os seus resultados.

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SÉCULO, 43—LISBOA

Na serra da Estrela



MEDITANDO:

— Ai que sitio tão discreto
P'ra atirar d'aqui abaixo
O meu amigo dileto
Manuel de Brito Camacho!

PALESTRA AMENA

A torre de Belem

Mal o *Suplemento Humorístico do Século*, hoje *Século Cômico*, viu a luz gloriosa do céu de Portugal, soltou, com os primeiros vagidos, a seguinte frase:

—Desembarce-se a torre de Belem da negra visinhança do gazometro do Bom Sucesso.

E por aí fóra, em campanha persistente, o *Suplemento* foi multiplicando argumentos a favor de tão sagrada causa, apoiado por toda a gente, obtendo aplausos, mas sem que as autoridades que tinham interferência no assunto se resolvessem a satisfazer a vontade geral.

Fatigou-se o *Suplemento*, passaram anos, a torre foi enegrecendo, o eixo da terra girou nos gonzos milhares de vezes, e eis que resurge a questão.

Entidades artisticas teimam pela remoção do gazometro, como sendo crime de lesa-arte a sua permanência junto da torre, entidades civis ou militares secundam o protesto, por motivos estrategicos, entidades administrativas asseguram que as fabricas da Companhia estão fóra da lei tudo clama, mas quem tem força para se impôr á Companhia não se move, continuando impavido o painelão do Bom Sucesso, como sentinela vig lante do desleixo nacional.

Tivesse o leitor um simples chapéu alto a interceptar o panorama que se avista das janelas dos membros do governo e veria como o penante seria intimidado a desviar-se; escreva o leitor nas folhas periodicas um traço que fira a visão da Censura e ele será imediatamente riscado e anulado. Ofenderá d'esse modo a estetica especial de corporações melindrosas, enquanto que a Companhia do Gaz, com a avetasma do Bom Sucesso mascarando a Torre de Belem, não ofende coisa alguma, antes dá a quem entra a barra a idéa de que está em presença de uma nação que, acima de tudo, presa a força, que não sacrifica a grandeza das moles informes á pieguice dissolvente dos rendilhados.

No entanto é nossa convicção que o painelão desaparecerá dentro de periodo mais ou menos longo. Outros aleijões teem desaparecido, em circunstancias analogas, isto é, porque vão de encontro ao bom senso, porque ofendem a consciencia publica. Os aleijões teimam, agarram-se á vida, mas um dia caem fatalmente: é quando se reconhece que nada se obtém pelo caminho direito.

Não era mais pequena nem menos repugnante a mole da Bastilha e ela foi demolida n'um abrir e fechar de olhos. Depois seguem-se as palmas, a aprovação unanime e fica-se admirado de que ha mais tempo não tenha ocorrido semelhante remedio.

Não aprovamos violencias, mas estamos tão habituados a elas, que não nos surpreenderiamos se, ao acordarmos um belo dia ouvissemos dizer:

—Lá deitaram a baixo o gazometro de Belem.

... A não ser que o sr. administrador do 4.º bairro se antecipe, com a boa vontade que mostra ter, sem esperar por autorisação superior; a absolvição virá depois, com toda a certeza, acompanhada da nossa homenagem na secção *Em foco*, que foi criada para os heroes.

Vamos! mãos á picareta, sr. dr. Alberto Xavier!

J. Neutral.

Inventos

Andam os sabios na natura muito intrigados porque as chuvas junto dos campos de batalha coincidem com os canhoneios aturados e de aí depreendem relações entre os dois factos, sem que, contudo, as explicações até agora apresenta as satisfaçam completamente sob o ponto de vista científico.

Pois lá vai a verdade, se a censura a deixar passar, porque se trata de um ardid de guerra cuja revelação talvez seja inconveniente.

Trata-se do seguinte: os alemães disparam para o alto em vez de balas metalicas grandes blocos de gelo. O gelo, nas camadas atmosfericas, determina a



condensação do vapor de agua e logo o liquido, pela ação da gravidade, desce sobre os aliados em forma de chuva.

—Com que fim? perguntará o leitor. Hom'essa! para os constipar. D'af a pneumonia e a baixa ao hospital.

O que vale é que o Edison, que viu rapidamente o caso, como nós, já tem na forja uma invenção de efeitos contrarios: consiste n'um canhão que dispara balas dissociadoras—as de gelo são condensadoras—as quais, pela elevadissima temperatura que espalham reduzirão na atmosfera a chuva a vapor de agua.

D'ali, pois, não vai o gato ás filhozes.

DE FÓRA

A FALTA DE AGUA

Faltou em tempo a agua do Alviela
E não desculpo o criminoso intento
De faltarem com ela no momento
Em que todo o paiz pede barrela.

Bem sei, amigos, que faltando aquela
Não nos falta de todo esse elemento,
E tanto que sómente andou sedento
Quem quiz atormentar a sua geala.

Quando a vossa garganta andar sequinha
Sei dum remedio, como igual não ha,
Para a mesma depressa pôr fresquinha.

Se entrardes no Bénard ou no Ta'á,
Logo o rosto gentil duma alfacinha
Crescer agua na bôca vos fará.

Bramão de Almeida.

Ovos caros

Como os ovos teem subido ultimamente de preço, d'um modo escandaloso e na intenção de descobriremos a razão do estranho facto, dirigimo-nos ao Jardim Zoologico onde melhor nos podiam dar as explicações necessarias.

Efetivamente uma interessante galinha, a quem amavelmente fomos apresentados, prestou-se amavelmente á entrevista, sob o olhar d'um galo ciumento.

—V. ex.^a sabe que os ovos estão a quatrocentos e vinte, interrogamos.



—Sei, respondeu a ave. E ainda não de encarecer mais.

—Ora essa! porquê?

—Porque a classe galinacea não é de menor importancia do que outra qualquer. Todas as classes teem feito valer o seu trabalho, não teem?

—Teem e depois?

—E depois, os senhores imaginam que pôr um ovo é menos difficil do que executar qualquer outro trabalho?

—Nunca nos lembrámos d'isso; como não pomos ovos...

—Pois fique sabendo que é doloroso. E além d'isso o que os senhores praticam connosco não é regular.

—Não é regular? porquê?

Nós não pomos ovos para os senhores comerem, mas para que nasçam pintos. Logo o preço d'um ovo, futuro pinto, devia ser pelo menos o d'um frango!

Receando outros argumentos, que venham a concorrer para que paguemos os ovos pelo custo das galinhas, retirámo-nos, ao mesmo tempo que o galo nos fitava com ar de desprezo e, por seu turno, punha tambem um ovo, orgulhosamente.

Germanófilo ou quê?

O parlamento, entre outras coisas de magnitude que praticou, autorisou em 1 de agosto a caça ás rolas e abetardas, mas sómente á espera e sem cão. Até aqui não temos nada a opôr, porque não somos rôlas nem abetardas, mas dizendo a lei que essa autorisação é para «todo o paiz e ilhas adjacentes» ocorre-nos perguntar ao legislador se não considera as ilhas adjacentes como fazendo parte do paiz.

Passa uma pessoa a vida a procurar fórmulas de linguagem que não cáiam sob a ação da censura e o *Diario do Governo* tem d'estas petulancias separatas sem que se lhe faça o minimo reparo.

Protestamos, com a devida humildade.

A senhora loira

N'um dos sitios mais concorridos da cidade, ás duas horas da tarde. O visconde salta d'um electrico, chega á esquina e pára. Consulta o relógio.

— Bem. Fui pontual. Não deve tardar. (*Tira um espelhinho da algibeira e mira-se*). Estou muito bem.

Aproxima-se um amigo:

— Oh! visconde! tu por aqui? estás á espera de carro?

O visconde, embaraçado:

— Não. Com franqueza: estou á espera d'uma senhora... Afasta-te, tem paciência.

— Está bem, está bem; eu não sou nenhum empata.

Afasta-se. O visconde:

— Demora-se. (*Levando a mão direita a barriga*). O' diabo! fiz mal em comer melão ao almoço!

Passam cinco minutos:

— Ai que dôres! Nada, não posso esperar... E se ela vem entretanto?

Chama um garoto que estaciona próximo:

— Queres ganhar um tostão?

— E' para já.

— Então ouve. De aqui a pouco deve aqui aparecer uma senhora loira. Diz-lhe que espere um bocadinho, que o senhor visconde já vem.

— Sim, senhor.

O visconde afasta-se correndo. De aí a tres minutos uma mulher com os cabelos pintados de loiro, d'essas que fi-



guram nos registos policiaes, vai a passar pela esquina. O garoto chama-a.

— Que queres tu?

— O sr. visconde diz que espere um bocadinho, que vem já.

A tipa:

— Estou com sorte.

Mais tres minutos. Chega o visconde, O garoto:

— Cá está a senhora loira.

O visconde, assombrado:

— Esta?! O' maroto! pois tu deste o meu recado a esta pèga?

A mulher:

— Pèga?! O' seu malcatrefe! Você atreve-se a insultar-me! (*Berrando*). Ora o pelintra!

Junta-se gente, adivinhando escândalo. O visconde dando dois pontapés no garoto:

— Toma! por tua causa é que é isto tudo!

O garoto aos gritos:

— O' da guarda! Este homem bateu-me!

Vozes, na multidão:

EM FOCO



O Zé Pereira

Em frente á procissão, o Zé Pereira dá sem dó no zabumba e sem cansaço. Enquanto curveteia pelo espaço a cana do foguete e cai ligeira.

Bate rijo e rebate, de maneira que não sabe de regra nem compasso. É é milagre que á força do seu braço a coirama do bombo fique inteira.

Em vão o abade, em voz altiva e rude manda mais devagar, que o homensinho toma aquela empreitada por virtude.

E por honra, sabida em todo o Minho, só parar em suando meio almude que tanto foi o que bebeu de vinho.

Belmiro.

— E' um apache!

— Quíz matar uma criança!

— Prendam-no!

Desanquem-no!

Correm policiaes:

— Quem é? Onde está o assassino?

Todos, apontando para o visconde:

— E' aquele!

Os policiaes, catrafilando-o:

— Está preso! ande lá p'ra diente!

A vitima:

— E' um engano, camaradas...

Chega a senhora loira, a verdadeira.

O visconde:

— Eu te explico, meu amor...

Levam-no em charola.

A senhora loira, envergonhadissima, metendo-se n'um electrico:

— Se calhar dizia-me que era visconde, mas era algum refinado gatuno!...

(De FALK).

A verdade

Os jornais de 28 do mês passado publicáram o seguinte telegrama:

«Paris, 27.—Passou sobre esta capital uma grande tromba».

No dia seguinte esclareceu-se o caso. O que passara sobre Paris tinha sido o Kaiser, em aeroplano e um soldado portuguez, que o avistou da torre Eiffel, exclamou:

— Olhem para a trombinha d'ele!

De aí a confusão do correspondente telegrafico.

Cautela, meninas!

Certo romancista notavel escusam de procurar o nome, porque isto é uma anedota de um jornal francez—entrou de namorar a menina Heloisa, chegando as coisas a ponto de a ir pedir em casamento.

Heloisa, apesar de ter correspondido ás atenções do romancista, mais por atenção ao talento d'este do que por sentimento amoroso, entendeu que era da sua lealdade responder:

— Não; não aceito. Os nossos genios não se dão e não desejo que o senhor seja infeliz.

Acrescentou Heloisa mais algumas palavras cheias de franqueza e de dignidade, sem reparar que enquanto ella falava o namorado escrevia qualquer coisa n'uma folha de papel.

Por fim, o nosso homem levantou-se da cadeira onde se tinha sentado, meteu o papel na algibeira e apertando a mão de Heloisa disse:

— Obrigado; creia que lhe estou imensamente grato.

Ela, admirada:

— Que diz o senhor?...

— Respondeu-me tão acertadamente que lhe fico eternamente reconhecido.

O caso é este: estou a escrever um romance no qual ha uma menina que regeita, com dignidade, um pedido de casamento. Ora eu desejava saber a resposta exacta que uma rapariga daria n'essas circumstancias, para que a cena tivesse a necessaria realidade, e tenho-me dedicado ultimamente a pedir a mão das donzelas para obter a dita resposta.

Comsigo são treze as que tenho namorado e a quem tenho pedido a mão e até agora só a menina Heloisa é que recusou. Mil protestos de gratidão!

Medida de louvar

A mais importante medida governamental promulgada com o fim de remover dificuldades causadas pela guerra é a que proibe a exportação de chifres, para o estrangeiro e que todos os jornais publicaram secamente, sem o



menor comentario nem o mais simples louvor.

Pois andaram mal os jornais. O decreto é muito de elogiar, porque vem resolver, em parte, o problema das subsistencias publicas. Se se autorisasse a saída de chifres, em que demonio havia de chupar o povo portuguez?

Ao menos deixam-no chuchar n'isso.

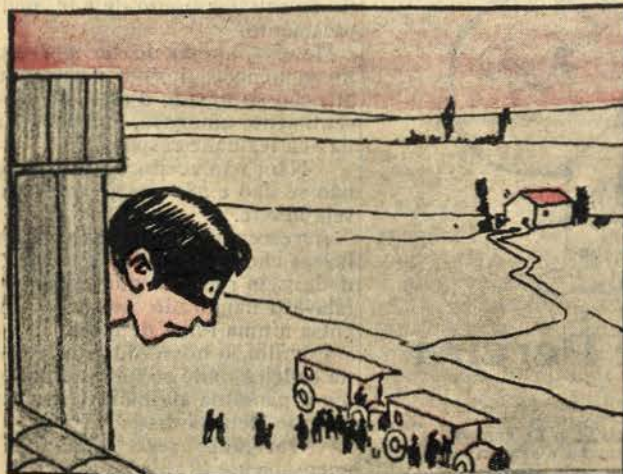
MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

10.^a PARTE

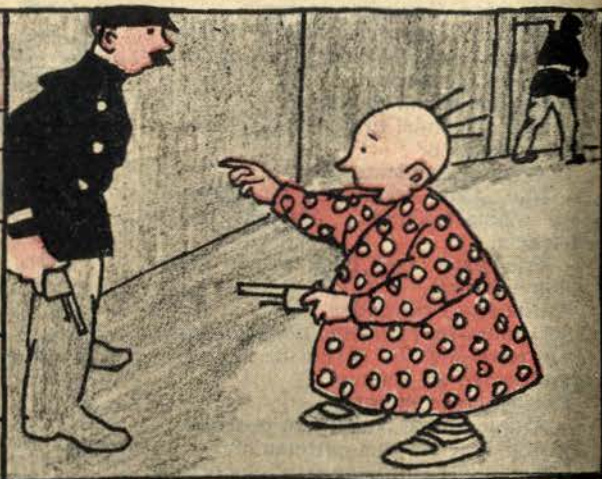
A CHUVA INFERNAL

2.^o EPISODIO

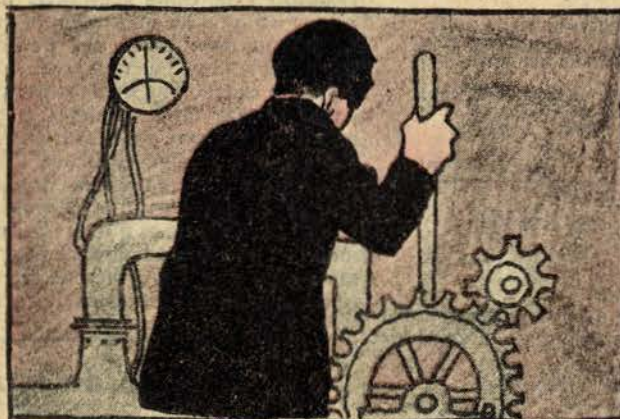
(CONTINUAÇÃO)



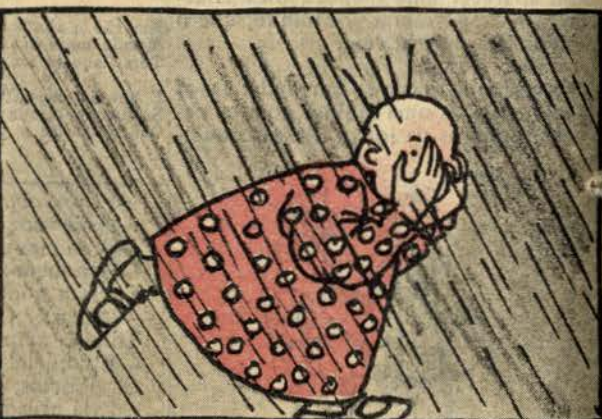
1.—Da trapeira da casa o *Homem dos Olhos Tortos* vê a chegada dos *camions* policiaes comandados pelo *Manecas*.



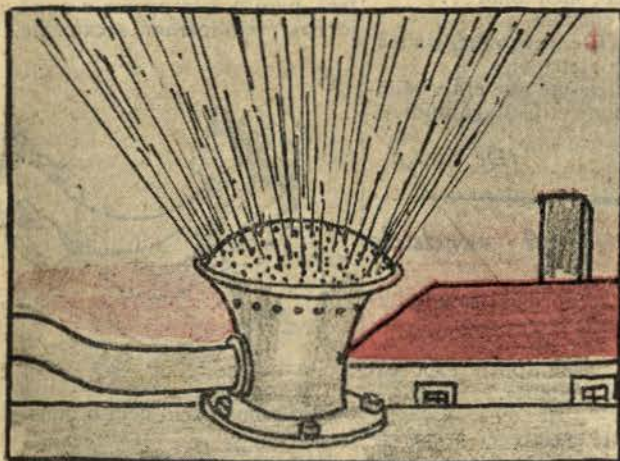
2.—*Manecas* dá as suas ordens para o ataque imediato á casa do *Homem dos Olhos Tortos*.



3.—O *Homem dos Olhos Tortos* desce ao subterraneo e faz funcionar um terrivel maquinismo.



4.—*Manecas* foge horrorisado pois que sobre ele cae uma chuva miudissima, d'estas de molha-tolos, mas d'agua a ferver.



5.—O maquinismo do subterraneo comunicava com uma especie de crivo situado no telhado e de aí é que se projectavam os jactos ardentes.



6.—Vencido o *Manecas*, mas não convencido, medita n'uma vingança terrivel, que em breve porá em pratica.

(Continua).